

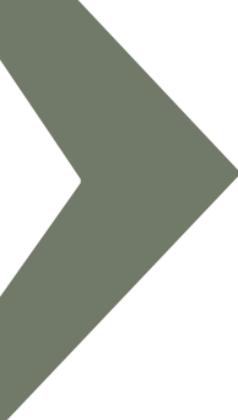
Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ N.127 FEVEREIRO DE 2022 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



Um futuro brutalmente pop

Lançado há 60 anos, e levado ao cinema há 50, *Laranja Mecânica* permanece atual por levantar temas como violência, liberdade e autoritarismo



Índice



- 3** ESPECIAL
Fuga ultravioleta
O adaptador
João Lucas Dusi

- 14** ENTREVISTA
Uma voz com muitas vozes
Edimilson de Almeida Pereira
por Luiz Felipe Cunha

- 24** PRÊMIO BIBLIOTECA DIGITAL
Gameleira-branca
Juliana Garbayo

- 30** REPORTAGEM
Na porta de casa
Murilo Basso e Natália Basso

- 39** POESIA
Arranha céu e outros poemas
Lua Lacerda

- 42** FOTOGRAFIA
Biblioteca de dança
Leco de Souza

- 50** CONTO
A caixa dos sonhos
Rosana de Oliveira



Fuga ultraviolenta

João Lucas Dusi



➤ Stanley Kubrick dirige Malcolm McDowell no set de *Laranja Mecânica*



Críticos de cinema e o tradutor de *Laranja Mecânica* comentam a atualidade do livro de Anthony Burgess e do filme de Stanley Kubrick

Faz pouco mais de 50 anos que o romance *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess, chegou aos cinemas. A adaptação, dirigida por Stanley Kubrick, foi uma *devotchka* (garota) recebida com certa desconfiança, mas caminha para se tornar uma *babushka* (velha) muito da benquista — emprestando termos do dialeto nadsat, criado pelo escritor inglês a partir do russo e reproduzido, com maior parcimônia, no filme do cineasta norte-americano.

A história, protagonizada por Malcolm McDowell no longa-metragem lançado em dezembro de 1971, acompanha a trajetória ultraviolenta de Alex e seus três *druguis* (Pete, Georgie e Tosko). Essa gangue de delinquentes juvenis, situada em um “futuro brutalmente pop” (segundo Martin Scorsese), gosta de sair à noite praticar atos que consideram *horrorshow*, como tomar leite batizado com droga no Lactobar Korova, roubar, estuprar, brigar quase até a morte com rivais (usando facas, correntes) e invadir casas.

Não é difícil de imaginar que essa história não acaba bem para o protagonista. Preso aos 15 anos, depois de uma traição arquitetada por seus *druguis*, Alex se torna um número na cadeia (6655321) e se submete voluntariamente à Técnica Ludovico, ministrada pelo dr. Brodsky, que pretende “reformatar” a mente do criminoso por meio da exibição de vídeos violentos enquanto a cobaia sente mal-estar devido às substâncias que lhe foram injetadas.

Trata-se de uma forma de condicionar artificialmente o comportamento da pessoa, trocando em miúdos, o que não é bem-visto pelo capelão da prisão, responsável por espalhar a Palavra do Senhor entre os detentos: “A questão

é se uma técnica dessas pode realmente tornar um homem bom”, ele diz a Alex. “A bondade vem de dentro, 6655321. Bondade é algo que se escolhe. Quando um homem não pode escolher, ele deixa de ser homem.”

Não é um filme, muito menos um livro (ainda mais pesado, com detalhes bizarros), para quem tem estômago fraco. “O ponto alto de *Laranja Mecânica* é o conceito de ultraviolência e como as pessoas são deixadas nesse estado pela apatia de todo o resto que as cerca. É uma fuga”, diz o crítico de cinema Roberto Sadovski, que conversou com o **Cândido** sobre o longa. “Visualmente, gosto de tudo. Da simetria do Kubrick em algumas tomadas. Do *design*. Do elenco. Do modo que ele filma. Tudo.”

A manauara Susy Freitas, que faz parte da equipe do site *Cine Set* desde 2013, vai na mesma linha de Sadovski: as questões que o filme suscita depois que sobem os créditos formam o ponto alto do trabalho de Kubrick — por mais que haja, também, primazia na montagem e impacto causado pelo uso da música clássica.

“*Laranja Mecânica* aponta para a necessidade de sermos livres para fazermos nossas próprias escolhas”, reflete Susy. “Essa é uma questão moral, cara a Burgess, vista de forma bem pessimista por Kubrick. E que permanece atual porque se aplica a inúmeros públicos e contextos, seja o das gangues adolescentes que inspiraram o livro, seja no Brasil lambe-botas em que vivemos hoje.”

Linguagem única

Anthony Burgess não deixou seu lado linguista de lado ao escrever *Laranja Mecânica*, lançado em 1962. Muito pelo contrário, o inglês elaborou uma vasta pesquisa e fez colagens inusitadas para acertar a dicção ímpar de Alex e seus *druguis*. A edição nacional traz até um glossário, que pode ou não ser consultado durante a leitura. Tudo depende do gosto do freguês: se ele deseja mais ou menos estranhamento.

A preocupação do autor com a linguagem era tanta que ele temia que Kubrick, em sua versão da obra para o cinema, focasse muito no sexo e na violência, deixando as sutilezas da narrativa de lado — a exemplo do que o cineasta fez com *Lolita*, segundo Burgess, adaptação em que Stanley “não encontrou equivalência cinematográfica para a extravagância literária de Nabokov”.

Não foi o caso. Burgess considerou o *Laranja* de Kubrick uma obra-prima, mas ficou chateado por ter de falar sobre o filme, na TV ou nos jornais, como se não fosse seu próprio trabalho. Na definição do escritor inglês, no entanto, o que parece contrariar sua própria chateação, Stanley não fez uma “mera interpretação” da narrativa, mas “refez radicalmente” seu romance — de acordo com texto de Anthony publicado na *Listener*, em 1972.

Para o público brasileiro entender melhor essa “mistureba” linguística boa, da qual o leitor teve uma amostra no início deste texto, nada melhor do que dar a palavra a Fabio Fernandes, responsável pela tradução mais recente da obra no Brasil — editada pela Aleph há alguns anos, com diferentes capas e versões comemorativas.

“Anthony Burgess brinca com a língua inglesa, trazendo a *rhyiming slang cockney*, o jargão shakespeariano e o nadsat, um dialeto inventado por ele a partir do russo”, explica Fernandes. Para ele, em um caso como o de *Laranja Mecânica*, “o prazer de traduzir é ainda maior, porque é como se o grão da linguagem germinasse numa árvore com um número impressionante de ramos”.

Não à toa, é o livro que ele levou mais tempo para trazer para o português, proporcionalmente ao tamanho (nove meses para cerca de 140 páginas). “Ainda hoje não creio que tenha desvendado todas as nuances que o texto oferece”, continua o tradutor, para quem “os pontos altos do romance são os linguísticos”.

Essa empreitada de Fernandes rendeu uma boa história — ligada, de forma inusitada, ao *rock and roll*. “O que mais mexe comigo é o momento em que o protagonista, Alex, trancado no quarto ouvindo Beethoven,

se refere ao som do compositor como *heaven metal* — uma expressão inventada por Burgess e que, na primeira versão para o português brasileiro, Nelson Dantas traduziu mais do que adequadamente como ‘metal celestial’”, conta.

“Mas, no mesmo ano da tradução (1974), o jornalista Lester Bangs, da *Rolling Stone*, cunhou o termo *heavy metal* para definir o som do Led Zeppelin. Na minha vez de traduzir o livro, optei por deixar no original. Acho um dos trechos mais belos e sonoros da obra.”

Legado literário

Para além das questões linguísticas, pensando *Laranja Mecânica* como um todo, Fernandes explica que o romance distópico de Burgess “faz parte de um conjunto muito particular de obras de ficção científica que marcaram o século 20”.

A narrativa forma uma espécie de “quarteto fantástico” ao lado de *1984*, de Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury — trabalhos que, devido à ascensão de governos que flertam com o totalitarismo ao redor do mundo, voltaram a ser bastante comentadas.

O tradutor atribui o sucesso desse quarteto, que “logrou transcender o gueto a que pertence o gênero da ficção científica e alcançar um público maior”, ao fato de que os autores não escreviam somente nesse gênero.

Burgess, por exemplo, “era um mestre da sátira corrosiva”. “E *Laranja* talvez seja”, prossegue Fernandes, “sua maior e mais destruidora sátira às convenções sociais (e da ficção científica)”.

Defeitos

De volta ao filme de Kubrick, somente elogiado até aqui, há uma pergunta que não quer calar: o diretor pecou em algum momento? “Não consigo olhar para *Laranja*

Mecânica e pensar em nada que pudesse ser melhorado”, comenta Sadovski. “Há poucos filmes, na história do cinema, que digo ‘esse eu não mexeria em nada’. O *Laranja* é um filme em que eu não tocaria em uma vírgula sequer.”

Susy Freitas, por sua vez, entrega um comentário direto: “É difícil imaginar o que poderia ser melhorado em um filme de Kubrick em seu ápice”. Apesar disso, ela faz um interessante exercício imaginativo, bastante válido para um momento do cinema em que protagonistas femininas “duronas” parecem estar sendo mais valorizadas. “Alimento uma curiosidade há anos: como seria um filme ultraviolento dele com uma protagonista mulher?”, questiona.

“Não me refiro a uma adaptação descolada em que Alex viraria Alexa ou algo assim, mas a uma obra com tamanha carga de violência”, prossegue Susy. “Pergunto isso porque sempre me intrigou sua Alice (Nicole Kidman) em *De Olhos Bem Fechados*: uma mulher muito dinâmica, atípica em sua filmografia.”

“Acho que se Kubrick tivesse tido a chance (ou o interesse) de trabalhar a violência do ponto de vista de uma mulher, seja ela como vítima ou algoz, seria algo muito interessante”, completa.

Para encerrar essas apreciações e exercícios imaginativos, o tradutor Fabio Fernandes, gentil ao responder à clássica — e meio tacanha — pergunta sobre preferir o livro ou o filme, foi contundente: “O livro, sempre. Gosto muito do filme, mas o audiovisual costuma datar mais rápido. Kubrick era um gênio. Mas, quando quero imergir nesse universo, pego o livro de Burgess e releio”. <



João Lucas Dusí é redator do jornal de literatura *Rascunho* e do portal *Bienal 360°*. Publicou o livro de contos *O Grito da Borboleta* (2019). Vive em Curitiba (PR).

O adaptador

Uma incursão pela filmografia de Stanley Kubrick, que conta com 13 filmes baseados em livros

A filmografia de Stanley Kubrick (1928-1999), toda baseada em livros, é enxuta. Em 46 anos de atividade, o cineasta lançou somente 13 filmes — o que tem muito a ver com a conhecida obsessão do norte-americano pelos mínimos detalhes. O que se desdobra, também, para como ele aterrorizou a vida de muito ator e atriz, sempre em busca da reação perfeita.

Antes, para conceituar o leitor, segue abaixo a lista de todos os longas-metragens dirigidos e roteirizados por Kubrick. Em alguns casos, com destaque para *Lolita* (1962) e *2001 — Uma Odisseia no Espaço* (1968), há uma boa mãozinha dos autores dos livros no roteiro (a saber: Vladimir Nabokov e Arthur C. Clarke, respectivamente).

- *De Olhos Bem Fechados* (1999)
- *Nascido para Matar* (1987)
- *O Iluminado* (1980)
- *Barry Lyndon* (1975)
- *Laranja Mecânica* (1971)

- *2001 — Uma Odisseia no Espaço* (1968)
- *Dr. Fantástico* (1964)
- *Lolita* (1962)
- *Spartacus* (1960)
- *Glória Feita de Sangue* (1957)
- *O Grande Golpe* (1956)
- *A Morte Passou por Perto* (1954)
- *Medo e Desejo* (1953)

É curioso notar, antes de qualquer coisa, como o hiato entre filmes vai ficando maior conforme o diretor amadurece. Os mais de dez anos que separam *Nascido para Matar* do último longa de Kubrick, *De Olhos Bem Fechados*, não permitiram que o diretor assistisse à sua realização final nos cinemas — ele morreu pouco antes, aos 70 anos.

O livro *Kubrick* (Ubu, 2017), assinado pelo crítico de cinema Michel Ciment (e traduzido por Eloisa Araújo Ribeiro), é de onde foram extraídas as falas e informações sobre os filmes *2001 — Uma Odisseia no Espaço* e *O Iluminado* que aparecem na sequência.

Esse breve recorte foi escolhido pelo **Cândido** a partir de uma fala do crítico Roberto Sadowski, que considera os dois longas — ao lado de *Laranja Mecânica*, já comentado — os mais emblemáticos da carreira do diretor, com mais ressonância na cultura pop.

Terroros irracionais

De acordo com Ciment, esses dois filmes estão conectados pelo “fantástico e seus mitos”. Em um deles, *2001*, o “real torna-se imaginário”. No outro, *O Iluminado*, “o imaginário torna-se real”. Tratam-se de longas-metragens que, à primeira vista, podem parecer radicalmente opostos.

Em *2001*, possivelmente o “trabalho mais audacioso” de Kubrick, acompanha-se a evolução do homem, da pré-história (“A aurora da humanidade”) a um período em que o *sapiens* avançou bastante na conquista do espaço

— e coisas no mínimo estranhas acontecem, sobretudo envolvendo um misterioso monólito presente em quatro importantes saltos evolutivos da humanidade.

Além de ter um final icônico, cheio de referências fálicas e sujeito às mais variadas interpretações ao longo dos anos, *2001* ganhou uma espécie de releitura que agradou público e crítica: *Interstellar* (2014), de Christopher Nolan, que traz no elenco nomes como Matthew McConaughey, Anne Hathaway e Michael Caine, cujo personagem é obcecado pelo poema “Do not go gentle into that good night”, de Dylan Thomas.

O outro filme, *O Iluminado*, é radicalmente claustrofóbico. Baseado no romance homônimo de Stephen King, o longa mostra o personagem de Jack Nicholson preso no hotel Overlook com a família, onde achou que seria um bom lugar para superar o alcoolismo, e vai enlouquecendo, sujeito aos caprichos de sua mente instável — ou das ações do sobrenatural?

O Iluminado traz uma cena icônica em que Nicholson arrebenta uma porta com um machado e anuncia para a esposa aterrorizada, interpretada por Shelley Duvall: “Here’s Johnny!”, com aquele sorriso lunático bastante característico do ator. Apesar desse acontecimento ser muito lembrado, e de a fala ter se enraizado na cultura pop, há outras curiosidades a respeito da filmagem que valem ser lembradas.

Em entrevista de dezembro de 1981, Shelley soa mais grata do que aterrorizada com a quantidade de *takes* que precisou repetir para entregar ao diretor a reação esperada para a cena. “Ele [Kubrick] foi duro comigo, mas ampliou meu registro de atriz: posso ir com mais facilidade de um extremo a outro e agora posso interpretar personagens extrovertidos”, conta.

Sobre a produção em geral, ela faz um comentário que alfineta o livro de King, conhecido como um expoente do terror: “Kubrick pegou um romance de série B e o transformou em um *thriller* psicológico de categoria A”, diz. “Foi uma vitória fantástica. E como

ele me dizia: 'Nada de grande foi conseguido sem sofrimento'. *Et c'est vrai*".

Retornando à análise de Ciment, para amarrar essas obras que exploram um macro e um microcosmo, o crítico afirma que a busca de ambas é a mesma: "Procurar a razão desses terrores irracionais que governam o ser humano".

João Lucas Dusi <



> O Iluminado



> 2001 — Uma Odisseia no Espaço



> De Olhos Bem Fechados



> Lolita

Fotos: D'Almeida, 30

Uma
VOZ
com muitas
VOZES

Edimilson de Almeida Pereira

Por Luiz Felipe Cunha



Inicialmente conhecido como poeta, Edmilson de Almeida Pereira fala sobre sua incursão pelo romance, que lhe valeu alguns dos principais prêmios do gênero em 2021

Ferreira Gullar disse uma vez: “Se o poema é o lugar onde a prosa vira poesia, sempre há a impureza da prosa num poema. E se não houver a prosa, não há a poesia. Assim como se não houver o carvão, não há luz, fogo. A prosa é a matéria e o alimento da poesia”. O poeta mineiro Edmilson de Almeida Pereira parece entender bem essa lógica, e a aplica em seus três primeiros romances, lançados nos últimos dois anos.

E se havia dúvida sobre a qualidade literária de sua incursão pelo terreno não habitual da prosa, a resposta veio por meio de prêmios. Com *Front* (Editora Nós, 2020), ganhou o primeiro lugar na categoria Romance do Ano do Prêmio São Paulo de Literatura em 2021. Já *O Ausente* (Relicário, 2020) foi o segundo colocado no Oceanos do ano passado. As duas obras se juntam a *Um Corpo à Deriva* (Macondo, 2020) para formar a trilogia Náusea — sensação que, segundo o autor, percorre as três histórias.

Na entrevista a seguir, Edmilson comenta seus lançamentos recentes, as temáticas presentes em sua produção poética e seus processos de construção literária.

O seu começo na literatura já foi com a poesia?

Gosto de pensar na minha trajetória em função do aprendizado com os colegas de geração, um aprendizado coletivo. Sobre essa questão da origem, tenho um marco inicial. Foi a partir de

1983, quando comecei a fazer parte de um grupo de artistas de Juiz de Fora (MG) chamado *Abre Alas*. O grupo era formado por artistas plásticos, atores, músicos, cineastas, fotógrafos e também por pessoas da área da literatura. E esse grupo contava com escritores que tiveram uma boa produção e alguns artistas plásticos que depois se mudaram para a Europa. Ou seja, era um grupo importante, porque tinha uma preocupação em promover encontros de interessados em arte e experimentações. Essa experiência foi crucial para eu entender a obra de arte como um processo aberto, e essa mentalidade dialoga um pouco com o meu modo de escrita. Com o grupo publicamos um folheto quinzenal que se chamava *Abre Alas*, além de uma revista multicultural e uma pequena editora — que publicou nossos poemas até meados da década de 90. Grosso modo, nós tínhamos aí algo que é muito parecido hoje com os coletivos, que reúnem artistas de várias áreas e fazem autopublicação.

A mudança para o romance foi drástica ou natural?

O contato com diversas áreas da arte moldou minha escrita. Mais tarde, isso se desdobrou em um estudo mais consciente e a escrita poética se desenvolveu. Depois vieram os ensaios de linha sociológica / antropológica, me desdobrei também na literatura infantil e, no final dos anos 90, o meu modo de escrita foi delineado. Tentei tramitar pelas várias formas da escrita literária, o que fez com que eu experimentasse o texto em prosa. Com vinte e poucos anos já havia escrito dois romances, cuja publicação não levei adiante, mas a escrita ficcional já estava comigo. Acontece que os romances que publiquei em 20202 [*O Ausente, Um Corpo à Deriva, Front*] são edições com algum tempo de demora da

prosa ficcional que eu já exercia também. A prosa nunca foi uma novidade para mim e nunca esteve separada das outras formas de escrita. Mas para o público talvez tenha ficado a impressão contrária, porque publico mais poesia, então fica parecendo que a ficção começou agora.

Além de poeta, você também é professor, ensaísta, autor de livros infantojuvenis, etc. Qual atividade oferece mais desafios e por quê?

Coloco todas essas atividades em um mesmo patamar. Aparentemente, os públicos são diferenciados. Existe o público infantojuvenil, por exemplo, com aquela tese importante de que os livros têm de ser didáticos ou podem ser lúdicos. Durante muito tempo houve uma distinção entre o caráter educativo e de entretenimento. Nos anos 80, muitos autores e autoras quebraram esse paradigma e passaram a fazer uma junção dos estilos, o que é bastante desafiador. O que não deixa de ser muito diferente do trabalho como ensaísta. Então não faço distinção de qual área é mais ou menos desafiadora. Todas são.

Se você tivesse que definir uma temática recorrente em sua produção poética, qual seria?

Prefiro não trabalhar nessa lógica. Acho que uma obra pode ter diferentes pontos atuando ao mesmo tempo. Vários campos, até contraditórios, são importantes para chegar ao cenário em geral numa obra que não seja polarizada, mas uma teia com muitos questionamentos.

Uma parte de seus poemas parece ter um caráter individualista, enquanto outra é mais coletivista. Principalmente quando o tema é a história do povo negro no Brasil ou a recuperação da História. Você concorda?

Com certeza. Não tenho a intenção de criar uma temática predominante, até porque uma das coisas que prende muito o leitor na escrita literária é uma constante capacidade de fazer ligações entre modos de escrita, uma constante capacidade de absorção dos fatos e uma busca contínua pela liberdade de processo criativa — para que essa liberdade possa se fixar em um compromisso único com uma temática ou forma de linguagem. E isso não é nenhuma novidade. Uma das experiências da modernidade é a fragmentação, fragmentação dos fatos históricos, fragmentação das personalidades. Lógico que nos descobrimos múltiplos, e isso cria muitas perspectivas de experimentação, traz problemas também, muitos questionamentos. Mas prefiro esse viés: uma voz com muitas vozes. Por isso, para mim, minha prosa, minha poesia, ensaios e literatura infantojuvenil formam uma grande teia de assuntos a serem trabalhados.

O romance *O Ausente* traz a mística de que bebês empelcados seriam curandeiros. Como essa história chegou até você?

Tem dois pontos a serem comentados sobre *O Ausente*. Primeiro a questão do termo empelcado. Trabalhei mais de duas décadas e meia em culturas populares, principalmente em áreas rurais. Convivi com gente muito simples. Então você encontrava, e até hoje ainda encontra, alguns enclaves culturais entre pessoas que têm modos diferentes de viver muito afastados da contemporaneidade, com

valores mais arcaicos. A extensão do território em isolamento permite a manutenção de modos culturais mais arcaicos. E dentro desses valores, que não são específicos de Minas Gerais, nem do Brasil, um dos tópicos que vinham é uma série de comportamentos em relação ao universo do nascimento e da morte. Muitas histórias dos mitos de nascimentos. Entre os mitos, o que me chamou atenção foi a condição dos bebês empelicados: são aqueles nascidos ainda envoltos pela bolsa amniótica. É um caso fora do habitual. E dentro desse fato inesperado, uma leitura que se faz é que, do ponto de vista simbólico, se trata de uma criança com um destino especial. E eu vi em várias comunidades rurais pessoas que nasceram com essa condição e tinham o dom da cura, dom do benefício. Uma certa predestinação. Porém, no livro é muito mais importante a figura do sujeito que se volta contra a predestinação. O discurso do personagem vai no sentido de problematizar valores absolutos impostos de uma geração para outra.

Em *O Ausente* vemos um embate entre destino e liberdade. Por que é tão difícil conciliar as duas coisas e de que forma isso afeta o personagem / narrador?

Um dos dados importantes na construção do romance era desmistificar uma certa idealização de um certo mundo rural arcaico. Se olhar bem, no contexto da pandemia, por exemplo, até por certa necessidade, houve uma certa fuga, de quem podia, da cidade para o campo. O resultado pode ser observado nas redes sociais: um encantamento das pessoas com a redescoberta do bucólico. É inerente ao ser humano essa dicotomização entre o espaço em que você vive, que é seguro, e o espaço que você

visita, que é o ideal. Em relação ao campo, prevalece essa visão bucólica. *O Ausente* na verdade trabalha para desmistificar essa lógica. Quem procura uma pureza inaugural de território, não vai encontrar. Você encontra personagens complexos, diante de um mundo natural muito complexo, onde as noções de crueldade e solidariedade entram em choque.

Como foi apontado por alguns críticos, o romance *Um Corpo à Deriva* faz uso de uma teia de antinarrativas. O que seria isso e como ela está presente na obra? E qual a sua intenção ao utilizar essa técnica?

Gosto muito de falar dos processos de construções literárias. Mais do que contar histórias, eu me sinto muito atraído pelos modos de se contar uma história. No caso desse livro, utilizei uma métrica de recursos. Primeiro trabalhei em um estilo de produção que está no movimento literário francês *nouveau roman*, da década de 50 e 60, que chegou pouco ao Brasil. E um dos preceitos do *nouveau roman* é não se preocupar tanto com a história a ser contada, mas entender como a história vai ser contada. Nesse sentido, o romance está autocentrado no personagem. Então, para quem procura uma narrativa linear, essa narrativa não está lá.

Trabalhei um pouco também com alguns aspectos da *nouvelle vague*. Você tem, necessariamente, um ponto de partida de uma suposta história que vai se diluindo no decorrer de uma certa temporalidade. Ou seja, quem procura respostas para certas questões, também não vai encontrar. E tem também um trabalho com relação à ancestralidade: quem está no presente sempre carrega a ancestralidade como modelo — qualquer ancestralidade, não necessariamente a negra. O sujeito está no presente, olha para seus ancestrais

e imagina neles referências e modelos. Até chegar a um suposto final em que você não tem certeza se é mesmo um modelo ou uma necessidade. Nos obriga a pensar continuamente a nossa relação com a ancestralidade. Uma outra perspectiva é o que chamo de “tempo espiralar”, que, de modo básico, não hierarquiza as noções de passado, presente e futuro. Ela coloca numa mesma dimensão essas peculiaridades, de modo que você tem que se esforçar para entender em que tempo a história está se passando. Os personagens lidam o tempo inteiro com essa fluidez temporal.

Na *live* de lançamento da trilogia, no canal da Relicário no YouTube, junto com o escritor Itamar Vieira Junior, você analisa uma passagem de *Torto Arado* em que uma das personagens perde a língua. “A língua se foi, mas a linguagem pode ser reinventada”, você diz. Esse aspecto de reconstrução da linguagem aparece bastante no seu livro *Front*. Além disso, você disse que seus personagens seguem por esse caminho: perdem a língua, mas inventam uma linguagem. Pode falar um pouco sobre isso?

A perda da materialidade da língua pode acometer qualquer pessoa em situação de depressão, por exemplo. Mas o processo de construção da comunicabilidade pode se dar continuamente, mesmo em situações precárias. Lá no romance *Um Corpo à Deriva*, a personagem Tesfa discute exatamente isso: uma teoria sobre a linguagem. Um dos aspectos que ela vai levantar é esse, de se pensar a linguagem como uma ramificação contínua. Posso ter toda uma gama de aspectos da linguagem corporal, mas não perco a linguagem escrita. No caso do *Front*, isso está explicitado na lógica do romance em que o narrador se multiplica em outros narradores.

Os três romances formam a trilogia Náusea. Como essa sensação de náusea perpassa os três livros?

É uma palavra que remete, de forma subjetiva, ao pensamento sartriano, ao desenvolvimento da sensação da náusea como experimento social. A náusea é esse momento dramático e drástico, de incomodo e desconforto, que pode se prolongar indefinidamente, gerando situação de paralisia. Ou ela pode, diante da intervenção do sujeito sobre si mesmo, eclodir como ato de confiança. Nesse sentido, os romances apresentam personagens que não buscam apoio em nenhuma forma de auxílio de natureza ideológica ou transcendental religiosa. Eles não se apoiam nesses elementos que podem dar muito suporte para nossas vidas. <



Gameleira- branca

Juliana Garbayo



Ela arrumou a mesa para a ceia de Natal. Ela gosta disso, colecionar candelabros, acender lembranças, encher as taças com uvas feridas que homens desconhecidos pisaram. Há comida, comida demais, pães que amassamos nas coxas, frutas que secamos com paciência, a torta de ruibarbo com tiras entrelaçadas de massa e bordas douradas como ela gosta. Perto da torta com cerejas negras, um *turducken* que recheamos com ganso e não com pato, o filhote de porco que ela mesma abateu. Coloco as cinzas do meu pai perto dos talheres. Minha mãe grita de novo você trouxe isso aqui outra vez você me odeia faz de propósito não quero esse homem aqui. As unhas da minha mãe estão roídas até a carne, ela cobre o rosto com as mãos e chora, aquilo são cem cortes de papel na minha cara.

Ela odeia meu pai. Ou é a mim que odeia? Não sou eu a culpada, não fui eu quem roubou seu brilho seu frescor seus planos, eu só estirei seus órgãos, feri de estrias sua barriga, fiz seus peitos arderem flácidos. Não fui eu quem murchou sua vida, suas possibilidades, não sou eu quem enruga o seu rosto. Ela copia a cor do meu esmalte meu corte novo de franja meu jeito de falar minhas gírias as línguas que eu quero aprender. Como dizer que minhas roupas não ficam bem nela? Que cabem, mas não ficam bem? Que quero dançar sozinha, ter meus próprios amigos, que não tenho culpa por ela estar só? Como faço pra ela ver que não tenho culpa se me pareço com ele, se o amo, se ele foi embora, se escolheu deixá-la? Como faço pra ela aceitar que ele continua a me amar mesmo longe dela, que existe um espaço só nosso (meu e dele) onde ela não é bem-vinda?

Tenho quinze anos, a idade da minha mãe quando nasci. Estou com meu pai no Atacama. Imagino um ser em geração na minha barriga agora, um apêndice, um parasita. As mochilas estão no chão do quarto, ele me acorda cedo demais. São quatro horas e faz dois graus lá fora. Estamos prontos para ver o Lascar. Sai fumaça da cratera, meu pai diz que é assim com todos nós.

Minha mãe não quer as cinzas do meu pai na mesa de Natal. Ela tem ciúmes da morte, não sabe que eu

a domestiquei. A morte me espreita e me vigia, eu a escorraço e ela volta toda vez. A morte late pra mim e eu a alimento com as migalhas que caem da mesa e com o leite que vaza dos meus peitos secos. A morte lambe minha mão.

Tenho treze anos. Tenho fome, desmaio e delírio de fome, estou quente. Minha mãe diz que fico bonita assim, minhas costelas já aparecem. Posso comer, só não quero. Ainda não sei que não preciso ser magra, que é melhor se eu não for tão magra, não quero que ela me odeie, não quero que ela roa as unhas até sangrar, que chore olhando as rugas no espelho, que passeie nua pelo corredor quando levo amigos em casa.

Na mesa o bolo com velas queimando, ela me presenteia com verdades e memórias. Aperta um gravador de bolso e ouço a voz do meu pai. Ele tem dezoito anos e tenta convencê-la a me abortar. Ela gravou aquilo. Gravou e esperou o dia de hoje para me entregar. Jogo o aparelho na privada. É meu aniversário de quinze anos. Meu pai olhou a Laguna Lejia e contou que é terrível morrer afogado, a água enche os pulmões e chega a doer de tão fria: morrer afogado é uma morte fria. Não sei por que ele disse aquilo, Lejia é uma lagoa rasa e o vento é impiedoso, ninguém quis entrar na água.

À noite meus cabelos caem. Caem em tufo, mechas inteiras se livram e desabam. Acordo e meu pai morreu. Por sete noites seguidas não sonho, por outras sete uma gameleira-branca reclama as cinzas do meu pai. Sei onde ela fica. Abro a urna e o saco com as cinzas, mas resisto à tentação de comê-las. Espalho algumas no travesseiro, depois me deito e adormeço sobre elas. Vou até à gameleira e a rego com o sangue que escorre do meu útero. Um dia crianças se balançarão nos seus galhos e em um dia mais além um homem se enforcará neles. As cinzas do meu pai eu escondo no fundo do armário.

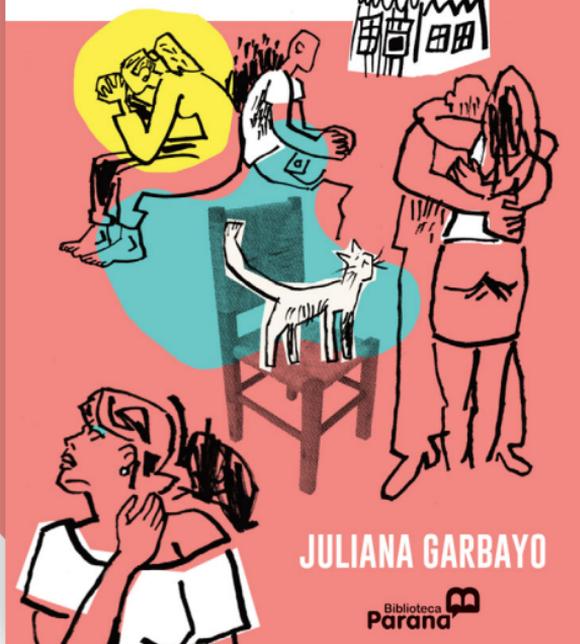
Não tenho só recordações más. As boas eu imprimo e colo nas paredes, uso para forrar a cama. As boas eu guardo como uma coleira, depois saio para pegar sol. A morte me acena na rua, ela passa comendo doces e

me acena, a morte me pede esmolas, ela me hipnotiza e eu quase tropeço. Corro atrás dela e grito Quem foi cremado ressuscita como?

Levantam o lençol e reconheço minha mãe, seu corpo tem cicatrizes e tatuagens. Ela foi dar ontem à costa. Boiava e aterrou na areia. Peixes beliscaram seus pés, mas deixaram os olhos intactos. Ela tem o rosto azul e sereno: meu pai estava errado, morrer afogado tem um jeito doce.

As cinzas da minha mãe vêm numa urna menor. Puxo o saco de dentro e rasgo o plástico com os dentes. Abro a urna do meu pai. Comparo as cinzas, são da mesma cor, têm a mesma textura, o mesmo cheiro. Despejo tudo num lugar só e misturo. Me perdoem. <

COISAS DIFÍCEIS DE RESSUSCITAR



JULIANA GARBAYO

Biblioteca
Paraná

Coisas Difíceis de Ressuscitar

1º lugar no Prêmio
Biblioteca Digital
2021, categoria
Conto

Personagens que se esbarram em antiquários decadentes, clínicas de desintoxicação e antessalas de psiquiatras, enquanto tentam elaborar suas perdas — luto, loucura, passagem do tempo, relacionamentos falidos. A multiplicidade humana se revela na troca de cartas com um homicida condenado, na invasão à casa de um poeta uruguaio e nas migalhas atiradas à morte que ora late sob a mesa, ora acena vendendo doces nas ruas. *Coisas Difíceis de Ressuscitar* está disponível para download gratuito em bpp.pr.gov.br.

► **Juliana Garbayo** nasceu no Rio de Janeiro (RJ). É médica pela Universidade Federal Fluminense (UFF), psiquiatra pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/IPUB) e mestre em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro (Portugal). Publicou contos em antologias e revistas literárias. *Coisas Difíceis de Ressuscitar* é seu primeiro livro.

Na porta de Casa

Murilo Basso e Natalia Basso

Curadoria é o foco dos clubes literários de assinatura, que impulsionaram seus negócios no país durante o isolamento social

O brasileiro está lendo mais. Entre janeiro e setembro de 2021, 36,1 milhões de exemplares de livros foram vendidos no país, com faturamento de R\$ 1,52 bilhão, segundo dados do levantamento Painel do Varejo de Livros no Brasil, divulgado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) a partir de pesquisa realizada pela Nielsen BookScan. Trata-se de um aumento de quase 40% em comparação com o mesmo período do ano anterior e de indicativo de tendência de crescimento em relação a 2019, período anterior à pandemia do novo coronavírus.

Não chega a ser uma surpresa o fato de que o isolamento social levou os brasileiros a encontrarem outras formas de lazer que não passeios em shoppings e encontros em bares, restaurantes e baladas. Mas, em um país que historicamente lê pouco, os índices são comemorados pelo setor. O hábito se reflete nos números dos clubes de assinatura: os de livros representam 26% da fatia desse mercado no Brasil, sendo os preferidos dos consumidores, conforme dados divulgados pela empresa de tecnologia e *e-commerce* Betalabs em novembro do ano passado.

Um dos clubes literários impactados positivamente pela crise sanitária foi o Literatour. Sócio-diretor da empresa, Luan Lima conta que o negócio dobrou de tamanho durante as duas primeiras ondas da pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021.

“Logo que as pessoas viram que a quarentena não iria durar apenas 15 dias, como pensamos inicialmente, elas começaram a adaptar suas vidas para ficar mais em casa.

Foi aí que nos beneficiamos. Esse fenômeno se repetiu junto a alguns parceiros nossos. Definitivamente, as pessoas passaram a ler mais na pandemia”, afirma Lima.

Essa também é a percepção da jornalista e influenciadora Marina Fabri, criadora do @livrosdamarina, perfil no Instagram onde compartilha dicas de leitura e promove *book clubs* com os seguidores. Ela mesma, que se considera uma leitora inveterada, conta que passou a ler mais nos últimos dois anos.

“Especialmente em 2020, os livros foram um descanso das telas. Em casa, passávamos o dia todo trabalhando no computador e as opções de lazer acabavam sendo outra tela, como a televisão, ou os livros. Muita gente acabou preferindo ler”, comenta.

Para Marina, outro indicativo de que as pessoas estão lendo mais como passatempo, além dos números da Snel, é a presença de escritores de ficção, como Itamar Vieira Jr., autor da maior febre literária brasileira recente, *Torto Arado*, e a curitibana Giovana Madalosso, finalista da edição de 2021 do Prêmio Jabuti com *Suíte Tóquio*, nas listas dos mais vendidos das livrarias nacionais, *ranking* que antes era ocupado majoritariamente por publicações de autoajuda.

O poder das redes

A social media Ana Hirahara e a analista de marketing Lúvia Perretto têm algo em comum além das profissões ligadas à área da comunicação. Ambas são assinantes do TAG Livros, o maior clube do gênero no Brasil, que no primeiro semestre de 2021 contava com cerca de 70 mil assinantes. Ambas já tinham a literatura como *hobby* e apontam o mesmo motivo decisivo que as levou a optar pela TAG: a presença das marcas nas redes sociais, em especial no Instagram.

“Assinei a TAG Livros porque a empresa bombou quando a febre dos clubes de assinatura começou no país. Eles sempre apareciam no meu *feed* nas redes sociais e gostei bastante da proposta, dos livros, da curadoria”,

diz Ana, que optou pela modalidade “Inéditos”, que envia em primeira mão para os associados obras da literatura contemporânea ainda sem lançamento no Brasil. “Eu gosto muito do clube porque ele vai além do livro. A gente recebe uns ‘mimos’ [caderneta, marcador de página, figurinhas, etc.] que tornam o processo uma experiência.”

Lívia também aponta os *posts* caprichados do clube no Instagram como o motivo que a levou a realizar a assinatura. A analista de marketing conta que era bastante impactada por publicações patrocinadas, que lhe chamaram a atenção. Ao se informar melhor sobre o serviço, achou interessante, viu que era confiável e decidiu se tornar associada, tanto que ela sequer fez pesquisas de preço ou diferenciais competitivos sobre outros negócios da modalidade.

A jovem se tornou assinante no auge da pandemia do novo coronavírus e comenta que a possibilidade de receber as publicações em casa todo mês, sem precisar se deslocar até uma livraria ou ficar navegando nas lojas virtuais — fazendo aumentar, conseqüentemente, seu tempo de tela após um dia exaustivo de trabalho em frente ao computador — foi outro fator que a levou a ter certeza de estar fazendo um bom negócio. Assim como Ana, ela escolheu o “TAG Inéditos”.

“O que mais gosto no serviço é a praticidade e a seleção de títulos, autores e estilos literários que talvez eu não escolheria sozinha em uma livraria. Me identifiquei muito com o estilo de público do clube, então sabia que acabaria curtindo as obras. Também optei por um clube que trabalha com obras de ficção justamente para dar uma quebrada na rotina, nas leituras técnicas”, pontua Lívia.

É possível, portanto, cravar que assinar um clube de assinaturas é certeza de ler mais? Na visão de Lívia, sim — e esse era, inclusive, um dos objetivos que ela tinha em mente quando fez a assinatura. Ana, por sua vez, diz que a pergunta pode soar como uma armadilha, já que, invariavelmente, leituras ficarão acumuladas de acordo com o ritmo atual da vida. No geral, contudo, ela acredita que a resposta é afirmativa. Já Marina Fabri

crava: para ler mais é preciso, simplesmente, ler — não necessariamente via clube de assinatura.

“Sei que parece óbvio, mas ler nem que seja por 10 minutos no dia faz com que você se engaje mais nas histórias e não perca o fio da meada. Penso que as assinaturas podem ajudar a descobrir gêneros e autores que talvez o leitor não buscaria por si próprio, então é válido, sim”, acrescenta.

Diferenciar-se é preciso

Em meio a tantas opções de clubes literários de assinatura, ofertar diferenciais é questão de sobrevivência para os negócios. No caso da TAG Livros, a curadoria de publicações inéditas e os brindes que acompanham os livros são citados como atrativos para os assinantes. Já o Literatour tem como particularidade ser o primeiro clube de assinaturas do Brasil a trabalhar com livros seminovos e usados, tornando o valor mais competitivo e ajudando a fomentar negócios entre pequenos sebos parceiros de todo o país.

“As caixinhas são sempre únicas para cada assinante, de modo que o associado recebe obras especialmente selecionadas de acordo com seu gosto literário, informado no ato da assinatura. Também temos os famosos mimos e acesso a experiências digitais, como *e-books* de autores em ascensão e audiodramas [também chamados de *podnovelas*]”, explica o sócio-diretor, Luan Lima.

Para Diego Lautert, fundador do Calhamaço, o mais importante é fazer o básico de forma bem-feita. A seu ver, a curadoria é o coração do clube literário, o que impulsiona o negócio. O foco do Calhamaço é atrair pessoas que gostam de ler e estão dispostas a sair da zona de conforto.

“Muitas vezes, quando nos aproximamos de um clássico da literatura, chegamos a ele cheios de ideias preconcebidas. Nós trilhamos um caminho diferente, porque buscamos obras menos óbvias de autores já consagrados ou conhecidos, mas que por algum motivo não tiveram grande circulação no Brasil e nos desafiam a pensar sobre elas de

forma crítica e independente. Enviamos um livro, um postal e uma sobrecapa exclusiva. Penso, porém, que o principal talvez seja o intangível, que é o conteúdo que produzimos para ajudar o leitor a aproveitar o máximo do livro. Nossos assinantes recebem *newsletters* exclusivas, entrevistas e até minidocumentários que aprofundam a leitura, tanto em seu aspecto formal como no contexto histórico e cultural das obras e de seus autores”, conta Lautert.

Já o Amora, iniciativa da Pulp Edições e lançado agorinha, no início de fevereiro, quer valorizar as autoras mulheres. Os assinantes recebem em casa, uma vez por mês, uma caixa com um livro surpresa de uma escritora contemporânea, além de um minilivro com um conto inédito de uma autora estreante e surpresas especiais como marca-páginas, postais colecionáveis e adesivos, entre outras. O clube ainda conta com uma loja virtual com itens como *ecobags*, camisetas, canecas e cadernos.

Fernanda Ávila Ferreira, sócia-fundadora da Pulp Edições, acredita que a concorrência é saudável e que, apesar das variadas opções, ainda há espaço para o crescimento dos clubes de assinaturas de livros no Brasil.

“Principalmente para os de nicho e com propósito, como o nosso. Acho que a concorrência é muito importante para esse modelo de negócio porque ajuda a ‘educar’ o público, estimulando a criação de intimidade com esse tipo de produto [clubes de assinatura] que para muita gente, mesmo com muitas opções, ainda é desconhecido”, finaliza. <

> **Natalia Basso** é jornalista, com passagem pela *Gazeta do Povo* e experiência em assessoria de imprensa e comunicação empresarial.

> **Murilo Basso** é jornalista, com passagens pela *Gazeta do Povo*, *Rolling Stone* e Editora Abril.



Divulgação

➤ **Sócios do clube Amora: iniciativa da Pulp Edições busca valorizar a literatura produzida por mulheres**



Divulgação

➤ **Diego Lautert, fundador do Calhamaço: "Buscamos obras menos óbvias de autores já consagrados ou conhecidos"**

Sete clubes literários de assinatura para ficar de olho em 2022

TAG — Experiências literárias

Clube de assinatura do gênero mais conhecido no Brasil, tem periodicidade mensal e conta com duas opções de assinatura: Curadoria, que convida grandes nomes da literatura para indicar seus livros preferidos aos associados, e Inéditos, que envia em primeira mão aos assinantes títulos que ainda não foram lançados no Brasil.

Literatour

Primeiro clube literário do Brasil a trabalhar com livros seminovos e usados. A curadoria é feita de acordo com o gosto literário do assinante, informado no momento da assinatura. Associados que desejam desapegar e enviar títulos seminovos em bom estado para o clube ganham benefícios.

Calhamaço

O objetivo do clube é apresentar aos leitores obras de autores consagrados que por algum motivo não tiveram grande circulação no Brasil. Livros menos conhecidos de autores como Ítalo Calvino, Philip Roth, Mario Vargas Llosa, Mikhail Bulgakov e Yusunari Kawabata já figuraram no Calhamaço.

Amora

Iniciativa da Pulp Edições, o Amora busca promover as vozes femininas da literatura e trabalha com obras de grandes autoras contemporâneas, além de enviar aos assinantes contos de escritoras estreadas. O clube também conta com uma loja virtual com itens como canecas, sacolas e camisetas.

Intrínsecos

Clube de assinatura da editora Intrínseca, o Intrínsecos envia, todo mês, um livro ainda inédito no Brasil, tanto de autores consagrados quanto de novos nomes da literatura. Não há um gênero literário priorizado e a curadoria é realizada por profissionais especializados da editora.

A Taba

O público-alvo do clube é o infantojuvenil e há diversas opções de planos para agradar crianças e pré-adolescentes das mais variadas faixas etárias, da primeira infância aos 14 anos. O objetivo é fazer com que as famílias criem momentos de conexão e afeto com as crianças por meio da literatura.

Leiturinha

Outra opção para crianças, o Leiturinha é considerado o maior clube de livros infantis do país, com foco em obras que estimulam a leitura e criatividade em diferentes fases da infância, dos 0 aos 12 anos.



Arranha
CÉU e
outros
poemas

Lua Lacerda

arranha céu

do meu amor migrante
pari horizontes
para derrubar
fronteiras

meia-noite

no céu do sertão
todas as estrelas
estão vivas agora

no chão seco
flores de primavera
são andróginas

no breu
a mata me espia
trocar de pele
a caatinga guarda
seus segredos
e me seduz

cometas estranham
galáxias escuras:
todas as estrelas
estão na terra

seres humanos
não são mulheres
mas corpos celestes
formando constelações

human o mund

pelo que sei da literatura
o amor me custará
tudo

em troca o amor te dará
tudo
que eu poderia ter sido



► **Lua Lacerda** Nasceu em Cajazeiras (PB) e vive em João Pessoa, onde cursa a graduação em Jornalismo da UFPB. Seu primeiro livro de poesia, *redemunho*, foi publicado em 2020 pela Editora UFPB.

Biblioteca de dança

Leco de Souza

A Biblioteca Pública do Paraná abriu sua programação cultural de 2022 recebendo uma série de apresentações do projeto Biblioteca de Dança. Concebido em 2017 por Jorge Alencar e Neto Machado, o trabalho transforma oito artistas em “livros dançantes” a partir das memórias de espetáculos que marcaram suas trajetórias. A temporada na BPP, realizada durante uma semana em janeiro, contou com a participação de Cândida Monte, Priscilla Pontes, Rubia Romani, Laremi Paixão, Gabriel Machado, Raphael Fernandes, além dos próprios Jorge Alencar e Neto Machado. Todos os dias, cada artista ficava disponível por algumas horas para que o público acessasse diferentes “contações coreográficas” de histórias, de modo íntimo e relacional. Veja alguns registros produzidos pelo fotógrafo Leco de Souza. <















A caixa dos sonhos

Rosana de Oliveira

Domitila esperou todos na casa dormirem para começar sua despedida. Ignorou o vestido de noiva pendurado no armário e pegou uma pequena caixa de madeira, escondida no fundo. Abriu a janela com cuidado e fugiu, caminhando no silêncio da noite entre a mata. Seus passos conheciam o caminho melhor do que qualquer outro, levando-a a uma árvore solitária. A jovem deixou o objeto no chão antes de escalar a madeira, alcançando o ponto mais alto para ficar próxima do céu. Dali nada escondia a lua cheia e o tapete de estrelas que se abria somente a ela, longínquos pontos que desejava tocar, mas que não era apenas a distância entre os corpos celestes que os separavam.

Adorou cada detalhe do céu para gravá-lo em sua memória antes de descer da árvore. Ali embaixo, Domitila fez um buraco entre as raízes e depositou a caixa. Deu mais uma admirada na lua, virou-se e voltou para casa. Aquela caixa pertencia a alguém que não conhecia, mas que teria mais chances do que ela de alcançar as estrelas.

Alguém que a achou oitenta anos depois.

Alice tirou a antiga caixa de madeira do armário. Jamais poderia viajar sem aquele inesperado presente que mudou sua vida. Quando tinha sete anos passou as férias em uma pousada no interior, descobrindo uma árvore solitária em que era possível ver uma parte do vale de sua copa. Entretanto, mais maravilhoso do que a vista era o objeto que brotava de suas raízes: dentro havia um caderno com desenhos e contas, mostrando a posição das estrelas e suas constelações, em uma riqueza de detalhes maior do que no céu que a menina via da capital. Naquela noite, fez questão de escapar de sua família e ver com seus olhos se as ilustrações igualavam a realidade.

Vinte e cinco anos depois, Alice colocou a caixa de madeira com cuidado em sua mala. Não poderia ir para a Estação Espacial sem ela.

Rosana Oliveira é jornalista e vive em Curitiba (PR), onde tem se dedicado à produção de contos, romances e roteiros. Em 2020, teve o conto “O Lugar de Cada Um” incluído na coletânea *Boas Maneiras de Colher Frutos Podres* (Equipe Carreira Literária). O texto publicado pelo **Cândido** foi produzido durante uma oficina *online* de leitura e criação de contos promovida pela Biblioteca Pública do Paraná entre os meses de agosto e outubro de 2021 e ministrada pelo escritor Luiz Felipe Leprevost, atual diretor da instituição.



EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário da Comunicação Social e da Cultura

João Evaristo Debiasi

Superintendente-geral da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Luiz Felipe Cunha

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Ctrl S Comunicação

Colaboradores desta edição

João Lucas Dusí

Juliana Garbayo

Leco de Souza

Lua Lacerda

Murilo Basso

Natalia Basso

Rosana de Oliveira

Ilustração de capa

Nicholas Steimetz



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

